



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 6 de Dezembro de 1986 * Ano XLIII — N.º 1115 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

AQUI, LISBOA!

«Oh Mães, estreitai os vossos filhos! Amai a graça incomparável da Maternidade.» (Pai Américo)

O Francisco Carlos fez 5 anos, em Maio. Veio para nossa Casa com três anos e dezoito dias. Passados sete meses, a mãe levou-o porque, dizia ela, tinha recomposto a sua vida. Decorridos, porém, mais dez meses, novo S.O.S. nos chegou e, extraordinariamente, tornámos a receber o pequeno, a que nos havíamos naturalmente afeiçoado.

Pessoalmente temos dificuldade em contar nestas colunas determinadas histórias, pelo chocante de que se revestem. Os anos passam e o preto no branco atestará, para sempre, dramas à maneira de fa-

cetas, que seria bom desconhecer e, melhor, nunca se terem passado. Hoje, porém, faremos uma excepção.

O «Espanholito», assim é conhecido o nosso menino, nasceu em Sevilha, filho de pai espanhol. A mãe, que foi casada e depois se divoreiou, para lá tinha ido, arregimentada por empregadores desconhecidos, como é corrente com muitas portuguesas ainda jovens, o que, aliás, já nestas colunas temos denunciado. Empregou-se num bar ou coisa equivalente e arranjou este filho. Regressada a Portugal, para poder trabalhar, houve que tomar conta da criança. Depois, estabelecendo nova ligação, retirou-o da Casa do Gaiato para, como acima se relata, aqui regressar. Ao que

sabemos, neste momento, foge da alçada da polícia por se ter apoderado de valores na casa onde trabalhava.

Para cúmulo de toda esta história negra há que referir não estar o Francisco Carlos registado, quer em Portugal quer no país vizinho, o que só a mãe poderá fazer, como nos foi dito nos Registos Centrais. Os únicos elementos de identidade disponíveis são os que constam duma fotocópia, por sinal em mau estado, da certidão de Baptismo realizado na capital de Andaluzia.

Eis um caso, entre muitos, dos que se deparam nas nossas Casas. A partir dele algumas leves considerações práticas.

Em primeiro lugar queremos reiterar que a nossa resposta é um mal menor ante as necessidades postas. Fora da família natural, tudo o que se possa fazer, ainda que da melhor maneira, será sempre um remendo. Uma família onde mora o bom senso é o espaço adequado para a construção e desenvolvimento humanos. A natureza das coisas, quando desconhecida ou desvirtuada,



Há que vencer o «desacerto» existente entre as Instituições e os Serviços Oficiais, para que, de maneira prática e eficaz, se possam encontrar soluções adequadas aos problemas dos sem-família.

Cont. na 4.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

Ontem veio outra vez o grupo de senhoras vicentinas daquela terra. Já há muito nos conhecemos. Estas senhoras inquietam-se com os mais pobres e procuram ajudar. Deram mais uma volta pelas pessoas amigas e trouxeram muitas coisas boas e bonitas. A camioneta da Câmara vinha com os lugares livres bem ocupados. Trouxeram, também, um pequenito de dez anos que ficou connosco.

Fico sempre com a impressão que, na vida destas senhoras anda a mensagem do Amor de Jesus Cristo; e anda, também, o pregão de Pai Américo — «cada paróquia cuide dos seus Pobres». Vejo-as sempre preocupadas com vidas e situações de irmãos que sofrem, procurando soluções.

Este grupo de senhoras faz parte duma terra de trabalho e progresso. Os seus habitantes querem pão e casa para todos. A construção civil continua a aumentar e postos de trabalho a desenvolver-se. Há vida estampada em todos os rostos e por toda a parte.

Ontem, dia normal de trabalho, só vieram dois homens. Mas os homens desta terra costumam aparecer. Encontramos, também, sempre preocupados e aflitos com as feridas na vida dos Outros: Casas para as famílias mais pobres; promoção humana para os desintegrados; trabalho para aquele que o procura; lugar de doente para o que está doente.

Estou a vê-los naqueles dias, de todos os anos, a preparar tudo o necessário para a colónia de férias. Férias à beira-mar para as crianças mais pobres. O cuidado que põem em tudo. As ofertas de todos os dias. O bom acolhimento que proporcionam. As senhoras que deixam suas casas e famílias para estar como mães a servir.

É o Amor de Jesus Cristo que circula nos corações do pároco e paroquianos desta terra (e de outras terras) e os faz amar. Amar sempre. Amar até haver quem necessite de amor. E haverá sempre. Que este Amor circule no coração de todos.

Padre Horácio

FELIZ PORQUE AMOU OS POBRES

Em 1965 em princípio quando chegou a primeira carta declarando a oferta de uma quinta nos arredores de Lourenço Marques para fundação de uma Casa do Gaiato.

Estávamos em Malanje e Benguela havia pouco mais de um ano. E embora Moçambique fosse também um pensamento a bailar, ainda não era a hora.

Respondi isto mesmo e só dei fé da secura com que o fiz, ao receber, na volta do correio, a nova mensagem afirmando a determinação do oferecimento, a antiguidade desse sonho e o grande desejo de que a realização dele fosse em tempo dos doadores poderem ver e comungar os trabalhos

e a alegria de uma Casa do Gaiato naquelas terras.

No Verão desse ano fui a Angola. Aproveitámos, Padre Telmo e eu, dar um salto a Moçambique em boleia que a Força Aérea nos proporcionou. Conhecemo-nos lá. Vimos a propriedade. Não houve tempo, então, de selar a aceitação; mas ficou preparado o necessário para que a escritura se assinasse e depressa foi.

Chegámos para ficar em Novembro de 1967. Padre José Maria e a sua equipa trabalharam humilde e denodadamente de modo que em 1974 era outra a face da quinta e uma bela Aldeia nascera e estava crescendo em Santiago do Infulene. A comunidade atingira

os quarenta rapazes e ultimavam-se as instalações para mais trinta. Nos últimos retoques estava a oficina de serralharia. Tudo tão lindo, tão promissor!

O casal amigo que estava na raiz de tudo, teve tempo de ver, de participar na luta pacífica que foi aquele crescer e de se congratular connosco sobre o resultado de tamanho esforço.

Mas, entretanto, o Senhor veio por ele e só ela ficou para sofrer connosco a tristeza do fim: uma Aldeia construída para os filhos de ninguém, de Moçambique, convertida em sede da polícia política do re-

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Alguns portugueses que trabalham, são novos Pobres — segundo o *chavão* francês que corre mundo. Não admira que a doença da fome — a tuberculose — voltasse a instalar-se no País e preocupe os responsáveis.

As mães e donas de casa, pobres, sentem mais ao vivo as dificuldades. No caso que vamos referir, a mãe deu o peito ao filho até esgotar. Depois, só para entreter..., como as do *Terceiro Mundo*.

Oportunamente, quando fomos alertados, acordámos no fornecimento imediato de dois litros de leite por dia — para salvar as crianças. Quantos bebés, para além do que a mãe lhes dá até ao fim, do seu peito, mal provam o precioso líquido!

A situação material desta família não evoluiu como seria de desejar:

— *Somos cinco bocas a comer: eu, três filhos e o meu homem que só ganha 19.845\$00.*

Acéntua o advérbio e mostra o recibo do salário líquido do marido. A realidade!

— *Chego ao meio do mês e não tenho dinheiro nenhum; não tenho um tostão na mão!*

A dor sai das profundezas da alma. Dá um suspiro e continua:

— *O que mais nos come é a renda da casa: 7.500\$00. A luz e o mais passam do conto de réis. Temos um filho a dormir na nossa cama! Não conseguimos melhor... A vida dos Pobres é muito sacrificada! Pra maior desgraça, o meu homem vai ser operado. Q'há-de ser de nós!? Temos de pagar o senhorio...*

A confissão denuncia, inclusive, o gravíssimo problema da habitação dos Pobres. Tão grave que nem poupa os remediados com hipótese de viverem em moradias económicas, decentes (se houvesse...), e estão em partes de casa, aos milhares, pelo País fora.

O grito e a estoica acção de Pai Américo, qual Sopro do Espírito — desde a década de 50 — precisam ser reavivados na alma dos portugueses!

PARTILHA — À frente, segue o assinante 24671 com a habitual *coferta para as irmãs Viúvas. As Viúvas que lêem O GAIATO poderiam ajudar as que mais precisam para que os filhos não passem fome. Um bocadinho de cada uma faz muito e não custa nada.*

Assinante 27958, de Coimbrões, com *um vale postal de 2.000\$00, sendo mil meus e os outros mil de duas amigas. Desculpe ser tão pouco. Somos empregadas domésticas. Curvemo-nos perante a grandeza destas mãos calejadas!*

A costumada remessa da assinante 24025, da capital, para uma família

numerosa. Marca presença com 500\$00 mensais. Outra, do mesmo naipe, a assinante 23484, de Vilares (Vila Franca das Naves): *«Tenho pena de não poder dar mais e Deus nos ajude a podermos levar a nossa cruz que, às vezes, é bem pesada».* O sinal do cristão!

Agora, chega a *«Avó de Sintra»*; e, escondido na mão, um cheque de 3.000\$00 para a *«Família do costume, a quem peço o favor de entregar. Desculpem, mas não pretendo saber a quem se destina nem desejo que a pobre Família saiba quem eu sou».* Marcas de Boa Nova!

Outro vale postal, da Avenida de Roma, e uma Oração breve, espontânea, no verso: *«Todas as vezes que partilhastes com os Irmãos mais pequeninos, foi a Mim que o fizestes».* Mais: *«Que o Senhor me perdõe por dar tão pouco».*

Um cheque, repartido, do assinante 24832, de S. Martinho do Porto, que *«será um auxílio para Conferência do Santíssimo Nome de Jesus»*, com votos antecipados de santo Natal e Ano Novo — que retribuimos. Outro, da assinante 21225, de Lisboa: 1.500\$.

O assinante 2770, sacerdote da Diocese da Guarda, aparece de vez em quando nesta *procição*; hoje, com um estímulo e uma advertência: *«Também por aqui há inúmeros Pobres a contar com o nosso auxílio...»*, sempre pronto, pois tem-nos bem juntos do seu coração sacerdotal — como Pai Américo.

Mais 500\$00 da assinante 16415, de Barcelos, *«para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa».* O dobro da assinante 7075, de Tondela, que ajuda um caso referido nesta coluna e *«para o qual vai o meu pensamento em Deus. Se todos deixássemos de pensar na nossa pessoa em primeiro lugar — acrescenta — não haveria tantas necessidades; mas a nossa fragilidade a isso nos conduz».*

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Lar de Coimbra

ESTUDO — Sem ir a pormenores, os 23 rapazes que estudam, em Coimbra, já passaram os primeiros exercícios. É tempo de dar notícias.

Cada um é que sabe do compromisso que fez quando começou o ano lectivo: começar bem e acabar bem. O esforço de levar o estudo para a frente é notório: *«Temos de tirar notas positivas!»*

Mas, e sempre com esta conjunção adversativa, os primeiros pontos não foram lá grande coisa.

Nem sempre se alcança, em pouco tempo, o cimo. Mas, poderia ter sido melhor.

Há quem sugira o exemplo da subida de uma escada, que é de lanços, dividida por pequenos patamares. Portanto, o objectivo é subir degrau a degrau. Diz-se, também, que nos podemos distrair, escorregar ou cair, e temos de recomeçar.

Não é só ir às aulas, estar com a devida atenção, tomar os apontamentos possíveis, fazer a revisão no

próprio dia, pegar nos livros — que até são *baratíssimos*...

E os problemas pessoais?! Os problemas familiares que estão gravados na personalidade?!

O que será um adolescente e jovem nestas andanças do estudo, sabendo de tudo o que vai por esse mundo fora: o problema de acabar um curso e não ter emprego; os vícios sociais; a droga; a prostituição; a pornografia; o álcool; a má saúde urbana; as ideias superficiais que giram nos meios de comunicação, etc.

Depois, é claro, vêm aqueles desa-
bafos:

— O que ando aqui a fazer? Estou a estudar p'ra nada! É melhor arranjar emprego...

Há sempre aquele fiozinho de consciência, como um novelo de lã, que é obrigatório desenrolar na vida. Mas quem não o quer fazer, a vida obriga a isso e, depois, poderá vir, em seguida, a fuga em qualquer coisa.

Portanto, a consciência toca: — Estuda porque tens qualidades. Crias uma personalidade que serve de base para enfrentares a vida; alcançarás melhor...

Com todas estas considerações vamos continuar a pôr o pé em cada degrau e a liberdade é deixar subir. A ver vamos, como o novelo se desenrola...

AGRADECIMENTOS — Agradecemos à Porto Editora que, habitualmente, atende os nossos pedidos de livros.

Pois bem, este ano, correspondeu, de novo e a tempo. Queremos agradecer com um obrigado muito forte.

Outro agradecimento para a Direcção de Desportos do Centro que ofereceu uma rede de Voleibol.

PEDIDOS — Agora deixem-nos pedir, não para ter *«pena»* — com a cara destapada e limpa — sem nenhuma frase que toque os sentimentos, mas que abra a generosidade e preocupação de cada um.

Precisamos de dicionários. Os que temos, já não *existem* pelo muito uso. Quem tiver por aí algum sem utilidade poderemos fazer uso deles: Inglês-Português, Português-Inglês, etc.

Guido

Miranda do Corvo

MÁGUSTO — No domingo passado vieram dois grupos de Coimbra partilhar um magusto com os nossos rapazes.

Alguns ohegaram de manhã (os que fazem parte do grupo dos antigos Jocitas); e todos os outros, do grupo coral de Santa Cruz, na automotora, depois do almoço.

Começámos a assar castanhas por volta das 15 horas até ao nascer a noite.

As castanhas ohegaram no dia anterior, em hora de estarmos a dormir. Foram levadas para a serralharia onde estava a caruma, ainda meio molhada, para as assar.

Os grupos trouxeram bebidas e outros comestíveis para partilhar conosco.

Passámos um dia agradável. Que venham para o próximo ano, pois é sempre agradável sentirmo-nos acolhidos por vós, também.

OBRAS — A zona que designamos por «zona dos médios» está com um aspecto mais saudável.

Depois da pintura das paredes foi a vez das camas serem levadas à oficina para serem também pintadas e ficarem prontas no dia seguinte. Foram logo armadas, depois de lavado o chão e encerado.

Seguidamente foi a «zona dos grandes», também em fase de acabamento.

Ficou tudo mais limpo e mais aconchegado para dormirmos uma noite descansada, tranquila, e estarmos prontos para o nosso dia-a-dia.

Toninho

Paço de Sousa

VACARIA — A vacaria está mais cheia. Nasceram cinco vitelos.

RECORTE

«CADA FREGUESIA CUIDE DE SEUS POBRES»

Uma nota do Jornal da Beira, Viseu, edição de 13 de Novembro, que transcrevemos com a devida vénia:

«Pastoralmente, muito mudará se... Cada freguesia cuidar dos seus Pobres.

É esta uma frase lapidar do Padre Américo, que diz tudo. O serviço dos Pobres deve ser ordenado e, portanto, inteligente. Vá à sua paróquia e lá lhe farão o que puder ser. Menos canseiras, menos tempo perdido e mais justiça! É que, com os verdadeiros carenciados, misturam-se muitos oportunistas; e nós, aqui, na Direcção Diocesana da Cáritas, não estamos em condições de distinguir o trigo do joio. Já o temos dito, neste Jornal, mas parece que os responsáveis não lêem!

Há-de ser com grupos representativos da acção caritativa de cada paróquia que, no futuro, trabalharemos. Estes grupos distribuirão lá — pelos verdadeiros necessitados, que muito melhor do que nós podem e devem conhecer — o que for possível. Onde haja vicentinos, aí está o grupo idóneo para esta acção.

A acção sócio-caritativa é uma das componentes da pastoral global. Que se conheçam os Pobres que verdadeiramente o são! Na célula do organismo eclesial, que é a paróquia, há gente pobre! E uma paróquia não pode eximir-se a esta exigência da prática da Caridade,

Claro, agora há que ter muito cuidado no seu crescimento, saudável, e para isso lá estão os nossos vaqueiros.

OBRAS — O nosso consultório beneficiou duma pintura e de pequenos ajustamentos necessários.

POSTO MÉDICO — Vamos ter um posto médico a funcionar na nossa Casa. Um benefício para a Comunidade, pois não teremos que nos deslocar a outros lados para saber como vai a nossa saúde.

DESPORTO — Defrontámos, em 16 de Novembro, uma equipa de Valongo, Campo F. C. Jogo muito disputado: de parada, resposta e contra-ataques sucessivos.

No final o placard acusou 2-2, a premiar o esforço do adversário, já que fomos nós a procurarmos sempre a vitória.

Convidamos, mais uma vez, as agremiações com equipas de jovens (juniores, juvenis, iniciados) para nos defrontar.

Ludgero Paulo

sem risco da sua vitalidade. Trata-se de um dever comunitário, de que alguns serão especialmente encarregados.

Mas... tanto tempo perdido! Tanto dinheiro gasto, em transportes, para vir a Viseu procurar à Sede da Cáritas às vezes um auxílio que não corresponde à verdadeira necessidade de quem o procura! E nada disto acontecerá se cada paróquia cuidar dos seus Pobres.

De futuro, a resposta aos **distraídos** ou **mal informados** ou **mais atrevidos** será: — Vá à sua paróquia e lá lhe farão o que puder ser, conforme as suas necessidades.

Alerta, Rev.os Párocos! Não mandem para cá senão o grupo devidamente credenciado. Nos serviços de acolhimento e atendimento só *com ordem* serão atendidas, conforme as possibilidades, as paróquias que tenham chamado a si o serviço dos seus Pobres! Tudo isto exige trabalho, organização e empenhamento!»

Eis a melhor **achega** para o próximo centenário do nascimento de Pai Américo: **motivar todas as freguesias de Portugal a cuidarem dos seus Pobres. Agora! «Tudo isto exige trabalho, organização e empenhamento», conclui o articulista. Mas, a nível de Igreja, «não temos tempo de perder tempo» — acrescentaria Pai Américo.**

Do que nós necessitamos

Foi a primeira carta que tirei do envelope grande e diz assim: «Depois do falecimento de meu pai, passei pela Casa do Gaiato, deixei o que pude para a Obra e fiz-me assinante. Tenho recebido o jornal com regularidade. Ajuda-me a pensar nos que mais precisam e que são nossos irmãos em Cristo. Junto envio parte que deixei para a Obra da Rua, fruto das minhas renúncias. Vendi todo o ouro que tinha e fiquei melhor. Vão 82.500\$00 para O GAIATO, para o que for mais necessário, mas não é preciso dizer donde veio. Que a mão esquerda não saiba o que dá a direita. Na certeza de que «Cristo há-de transformar o nosso corpo miserável para o tornar semelhante ao Seu Corpo glorioso», sou vossa irmã em Cristo...»

Só ela e Deus sabem. É um pedaço de doutrina de muito valor. Os grandes mistérios da nossa Fé estão ali.

«Mil escudos mensais, enquanto for viva.» Outro tanto, de Marco de Canaveses, e os 82 anos mais 7 meses. Uma gotinha de Maria Deolinda e o favor de não mencionar nomes. Das infraestruturas da Força Aérea, 250\$00. Obrigada Angelina, Raquelina e Alexandrina. Uma nota de mil, das três netas, com um abraço amigo a todos os gaiatos. De Oliveira de Azeméis, 500\$00. Em momento de aflição, 10.000\$00; e 500\$00, de Cremilde. 25.000\$00, de pessoa muito amiga, no Hospital do Terço. Sessenta mil e um abraço amigo de Bernardo, médico. 9.000\$00, de S. Mamede de Infesta.

Uma caixa com roupas para as Festas, de uma assinante de Vila Real. Mais um abraço e 500\$00. Da Póvoa de Varzim, uma pequena gota — 1.000\$. Das Caldas, 2.000\$ e promessa de mais. A mesma quantia, de V. N. de Gaia; e 200\$00, da Fernanda. Lembranças, muitas lembranças das Escolas que nos visitaram; e 300\$00, das 3 Amigas. De Aveiro, uma excursão deixou 7.100\$. Dez mil e «que Deus multiplique muitas vezes». É o desejo de uma «pobre anónima». Mais 70.000\$00 de alguém que quer ficar escondido. Outra vez 10.000\$00, de Castelo Branco. E mais dez mil — «não vale a pena agradecer». Do Porto, 51.000\$00: «Peço o favor de considerarem esta oferta anónima». 50 marcos, de Bremen. Mais 20.000\$00, de Espinho; e a mesma quantia, de Viseu. Mais 20 mil, de J. R. «Muitos e muitos beijinhos para os mais pequeninos», de assinante amiga.

Passámos pelo Espelho da Moda, na R. dos Clérigos, Porto, e trouxemos o sacco cheio. Eram assinaturas pagas; ofertas valiosas e sempre muita roupa. Dê A Sementeira, de Alípio Dias & Irmão, Lda, do Porto, vieram as sementes que, de há muito tempo, nos são oferecidas. Mais 30.000\$00 e «que Deus vos acompanhe sempre nos vossos caminhos». No Teatro Sá da Bandeira, 41.600\$. 25.605\$ da Fábrica de Malhas Marão, Porto. 30.000\$ por intermédio da assinante 34547.

Mais um sacco cheio de envelopes, talões, assinaturas pagas, pacotes, no Espelho da Moda, do Porto. 20.000\$00 de

Sacerdote, que manda o produto do seu trabalho e amizade; 50.000\$ «para o que entenderem e for mais urgente»; lista de notas de 5.000\$, 2.500\$ e 1.000\$. Cinquenta mil e «o livro que me enviaram, foi uma chamada à consciência». Do Candal, 10.000\$ «que o nosso grupo conseguiu arranjar; são migalhinhas para a vossa tão querida Obra». 100.000\$00, pelas mãos da assinante 30817. Da Maria Rosa, 12.000\$00; metade de Maria Amália e 15.000\$ para pagamento dos dois últimos livros e o que resta para ajudar no que mais necessário for; e 5.000\$00 de Josefa.

No Teatro Sá da Bandeira: 16.700\$00, do mês de Setembro. De Galizes, 40.000\$ e os cumprimentos de casal amigo e suas filhas. 2.000\$00, de Mafamude. Mais 2.000\$00, de Valadares, e «peço me desculpem ser tão pouco». Em Acção de graças, 1.000\$00; mais 500\$ em selos. Mãe agradecida, de Matosinhos, vem com outros 500\$00, sufragando a alma de seu marido. Mais 10.000\$00, de Paços de Brandão. Presença habitual de 2.000\$00 para o Calvário e uma súplica para que o Senhor desperte vocações. Assinante de O GAIATO vem com 5.000\$00; mais 1.000\$00, mais 1.000\$00. Dez vezes mais de pessoa muito amiga, em peditório que fez. Outros 10.000\$00 «para um dos vossos filhos que tenha mais inclinação para seguir os estudos», de Anta, Espinho. De novo, mais assinantes com 3.000\$; e 6.000\$, de Madalena; 7.000\$00, das Caldas de Vizela. Maria Manuela vem com 5 notas de mil; e 5.500\$00, do Rotary Club de Loulé. De mãe

afrita a pedir a cura de seu filho e que seja um homem de bem, 15.000\$00. Firma de Castelo da Maia entrega 122.000\$ e promete voltar. Agora, é a filha que pede pelo pai bastante doente e quer ver-nos felizes. Manda 50.000\$00 e prometemos acompanhá-la.

Por aqui vão passando peregrinos do Calvário com 5.000\$ e 6.000\$00, de Matosinhos; do Barreiro, 20.000\$00 «para ajudar a minorar um pouco as dores dos nossos queridos irmãos do Calvário». Casal Maria Teresa e Horácio Augusto lembra toda a família e manda 10.000\$00. Excursão, de Viana do Castelo: 15.700\$00. Sacerdote muito amigo — que quer ser fiel ao Senhor e ao Seu Bispo — vem com 22.000\$. 7.500\$00, de Beatriz e José Maria.

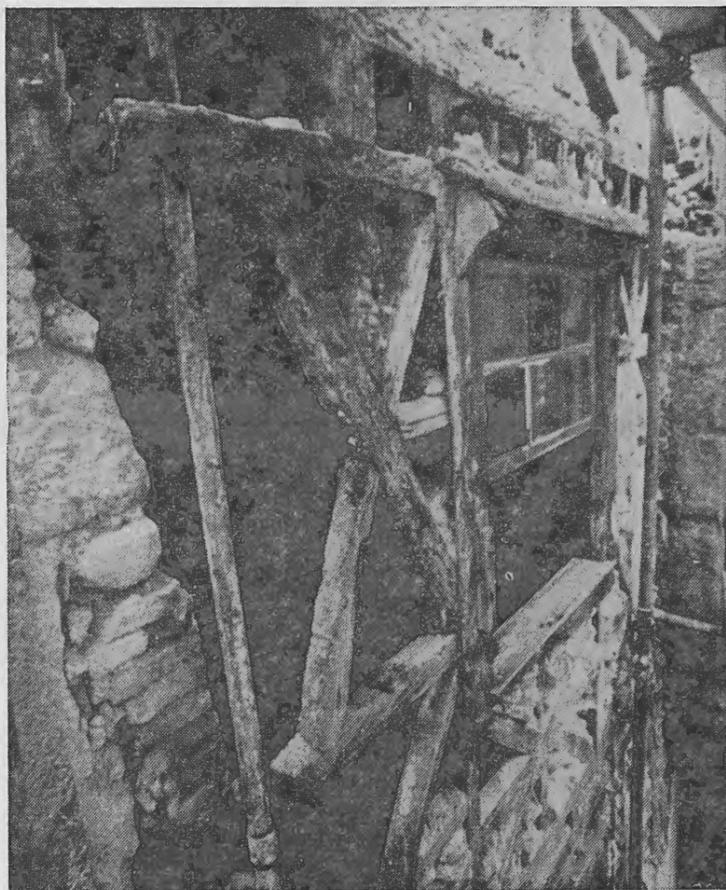
Mas como? «O vosso jornal é um oásis neste deserto de conflitos. Que Deus continue a abençoar a vossa Obra. Junto cinco mil escudos para aquilo que muito bem destinarem.» 5.600\$00 e «respeitosos cumprimentos».

«Sou a assinante 14.483 e peço, por favor, que não agradeçam porque só assim acho que pode ter algum mérito o meu gesto, já de si tão insignificante.» Recebemos os 3.000\$ que mandou. Recebemos, também, 5.000\$00, de Lagoa, Bougado — e «agradeço o anonimato». Vamos mais para o Sul e encontramos António Augusto Faustino com 100.000\$00. Não sabemos mais nada. 3.600\$00, em cheque, de Avintes. Cordiais saudações da Lúcia e 12.000\$00. De Barcelos, 10.000\$00, em cumprimento de uma promessa.

Mais doutrina em pedaços de vida: «É pouco mas é dado de boa vontade. Que Deus Nosso Senhor me aceite este pouco das minhas renúncias

de todos os dias». São 25.000\$00, da Cruz de Pau, Matosinhos. Outros 25.000\$00, da Vila das Aves. Migalhas de ouro no valor de 2.500\$00; mais 2.000\$00; mais 5.000\$00 e mais 4.000\$. Mais sementes, de Alípio Dias & Irmãos, Lda. Não pagámos porque «como vem sendo hábito temos o gosto de oferecer». Bem haja! 10.000\$, de Maria Adelina. Da Rua Graciosa, 10.000\$00. «Pequena lembrança cheia de Amor» — 1.000\$00, de Leiria; mais 1.000\$, de Sara; 500\$00 para o Calvário e 500\$00 para o auxílio de um aluguer; 25.500\$00, de Flora. Há quantos anos!... Santa perseverança de C. F., ao enviar, em selos de correio, 500\$00. Anónima, no Lar, 100\$ mais 100\$00. Outra anónima, do Lugar da Lameira, Joane, 3.000\$00. Dez dólares, em cumprimento de promessa, de Newark, U.S.A. Marido celebra o aniversário de sua esposa e envia 30.000\$00. Dez mil, de Romeira; mais 10.000\$, em Acção de graças; metade, sufragando a alma de sua irmã e seu pai. De Molelos, 30.000\$. Mil, da Maria de Lourdes; dois mil, do assinante 26739; cinco mil, «das economias que consegui fazer este mês e aí vão com toda a minha solidariedade e ternura»; quatro mil «referentes à minha pequena ajuda e referentes aos meses de Setembro até Dezembro»; 5.000\$00, da Maria Fernanda; mais 5.000\$00, de António Areias; mais 5.000\$00, da assinante 33266; abraço fraterno com 8.000\$00, da Teresa. Maria e Manuel, nos 50 anos de casados, 10.000\$00; 650\$00, da Comunidade de Coimbra; e mil de Maria de Fátima. A Maria Gil viu a sorte dos filhos abandonados e das famílias sem paz e manda 500\$00.

Padre Manuel António



Dantes, nesta área do Barredo (Porto), eram «almas negras em vielas escuras — cemitério de vivos!»

Contrastes



Agora, na parte recuperada pelo CRUAR, a zona ribeirinha do Porto é já habitável. «Com o sol entra a saúde, a alegria — e uma vida sã.»

SETÚBAL

■ As minhas férias estão a acabar. Aproveito a disponibilidade que elas me têm dado para ler, rezar e escrever. Quando verdes esta crónica, há muito que me encontro no meio dos meus rapazes a quem me dirijo em primeiro lugar.

Passando, no meio do meu descanso, pela nossa Casa, soube que mais dois tinham fugido e que o «Gordo» continua a rondar as nossas portas — aliciando outros para a desgraça.

Meus rapazes, meus filhos, «nós somos a Porta Aberta». Não temos muros, nem portões nem guardas nem nada. No Lar todas as portas, se abrem por dentro. Sois livres. Ninguém vos pode obrigar ao bem. Só vós. Só cada um, ouvindo a voz da sua consciência, vendo a verdade da nossa dedicação sem limites e escutando a Palavra de Deus.

Todos os que passam os umbrais das nossas portas para nos abandonarem, caíram, dentro de si e, às vezes, durante muito tempo, a voz da própria consciência. Outros, até falaram violentamente para si e para os demais, mentindo e enganando-se, numa tentativa estúpida para se convencerem que o seu caprichoso sonho é real, o erro é certo e a mentira verdade.

O «Gordo», diante de vós, gabava-se de poder encontrar o trabalho que quisesse — em Setúbal, na Moita ou no Barreiro. Era tudo, na sua boca, fartura de trabalho bem remunerado, leve e atraente!

Alguns motoristas, dos auto-

-tanques da Cooperativa, que dia-sim, dia-não vêm buscar o nosso leite, perturbaram-no, astuciosos e inconscientes, confirmando-lhe a abundância de postos da sua especialidade, incitando-o a «deixar o padre».

O «Gordo» era, como sabeis, responsável pela vacaria.

A sonhar com ele, construímos uma sala de ordenha linda, higiénica, cómoda e digna.

Agora, é fácil e atraente ordenhar as trinta vacas que, em média, estão a dar leite.

Assumi, livremente, o encargo proposto. Foi estimulado e era compensado. Pouco a pouco, porém, foi deixando que o seu coração se corresse por um sonho irrealista e mau.

Criou em Casa, para todos, um péssimo ambiente, comunicando aos seus colaboradores — os vaqueiros — o próprio estado de espírito doentio, revoltado e destruidor.

Causou, por desleixo, graves prejuízos nos animais, não me avisando, como era seu dever, da sua doença.

Nos rapazes, procurava destruir, com palavras e comportamento, o que há de mais valioso — a sua própria consciência.

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

levará aos maiores desequilíbrios e atropelos.

Em segundo plano, como decorrente do parágrafo anterior, há que fazer um esforço desmedido no sentido de proporcionar ao espaço familiar as condições espirituais e materiais indispensáveis, para que ele possa funcionar em pleno. Os pais, conscientes das suas responsabilidades, não se podem, nem devem, demitir e as dificuldades educativas nunca poderão constituir razão para desânimos. Ninguém substitui um pai ou uma mãe, ainda que pouco letrados e sem grandes recursos. Os filhos são a riqueza dos pais. As excepções só confirmam a regra.

Como foi dito num dos últimos jornais por um dos nossos Padres, há que vencer o «desacerto» existente entre as Instituições e os Serviços Oficiais, nomeadamente os Serviços Jurisdicionais de Menores, para que, de maneira prática e eficaz, sem perda de tempo, se possam encontrar soluções adequadas aos problemas do semi-família ou para quem ela não funciona, certos de que, quando se fala em direitos naturais a respeitar, há que ter em vista tratar-se duma função biunívoca, dos pais em relação aos filhos e destes em referência àqueles. De contrário, estaremos todos a desperdiçar energias e a forjar, pelas nossas apatia ou inépcia, vadios ou potenciais despistados.

Padre Carlos

Padre Luiz

Acabou por se eliminar a si mesmo, fugindo cobardemente.

Levou consigo todo o pecúlio economizado ao longo de anos e gastou-o, perduláramente, em bens desnecessários para se mostrar, diante de vós, rico e triunfador.

Em pouco tempo tornou-se um miserável.

Ninguém lhe daria um castigo tão grande como o que tomou para si.

Agora, ainda sem procurar trabalho, acolhe-se, instintivamente, à nossa sombra, vindo dormir, como um vadio, às nossas portas, expondo-se à vossa compaixão, para que, às escondidas, lhe deis um bocadinho de pão ou um pouco de calor.

Sofro, por ele, uma dor indescrevível!

◆ «A primeira Conferência das Casas do Gaiato nasceu como Jesus numa manjedoura de animais.

Foi num domingo, 4 de Junho de 1944, em Miranda do Corvo.

Um grupo de gaiatos tinha ido a passeio, pelos campos fora, até à serra da Lousã. De regresso, um deles, ao passar por um velho estábulo, ouviu gemer. Levado pela curiosidade, espreitou pelas fendas dum velho portão e viu que os gemidos saíam dum vulto deitado numa manjedoura. Chamou pelos companheiros que entraram de roldão pelo estábulo dentro.

Era um velhinho que, entre suspiros, lhes disse que tinha fome e muitas dores numa perna e que os filhos de pobres que também eram, não lhe podiam valer; que costumava andar de porta em porta, mas que agora as pernas já não aguentavam.

Retirou uma serapilheira com que estava envolvido e mostrou um trapo imundo ensopado em pus, a cobrir uma chaga enorme. Diz o cronista daquele tempo que a ferida varava a perna de lado a lado e que, como penso, o velhinho usava folhas de videira.

Aquela ferida abriu outra ferida no coração dos rapazes.

Logo uns poucos se propuseram vir todos os dias trazer um caldito. E assim fizeram. No mesmo cesto vinham também remédios e ligaduras. Não faltavam palavras de carinho.

Desta maneira nasceu a primeira Conferência.

Com um Natal tão parecido com o de Jesus, a Conferência não podia ter outra vida que não fosse a de Cristo: passar fazendo o bem.

A Conferência de Miranda do Corvo progrediu e quando alguns rapazes dali saíram para o Lar do Porto, levaram com eles a chama que na alma se lhes tinha acendido.»

Depois dum tempo em que o lume ficou morto, veio

Sinto-me quase impotente de remediar o seu mal, embora arda em desejo profundo de lhe dar a mão.

— Como? Não sei. Voltar para Casa? Nunca. Ele tem 22 anos!

Rezo ao Senhor que me ajude a abrir-lhe o caminho da dignidade que, para ele, como para vós, sonho em todos os momentos da minha vida.

■ Integram o Lion's Club de Setúbal muitos antigos e devotados amigos da Casa do Gaiato.

Foram eles que introduziram, no seio do grupo, o «bicho» do interesse por esta Obra.

O ano passado, o Club montou, em nossa Casa, um consultório médico; comprometeu vários membros formados em Medicina, a atender os rapazes; propôs-se custear a implantação de um posto de alta-tensão a fim de resolver a dificuldade energética que, desde sempre, nós tem afligido.

Depois dum tempo em que o lume ficou morto, veio

Segundo um acordo com a E. D. P., a reserva de 75 KVA do dito, importa, à nossa parte, cerca de mil contos.

Entre as actividades planeadas, e já efectuadas, contam-se a simpática «feira da ladra» do ano passado e deste, na altura de Todos-os-Santos.

É uma forma simples, mas muito comunicativa, de valorizar os monos antigos que, às vezes, estorvam em casa — e aproveitar a generosidade de certa camada social que, ignorada, pouco faria.

Alegrou-me bastante observar o carinho e a dedicação com que todos os elementos deram dois dias inteiros de actividade na feira, evidenciando sacrifício desinteressado, muita habilidade e uma radiosa simpatia.

Quase me apeteceu chamar a esta «feira da ladra» a Feira da Alegria.

Padre Acílio

Notas da Quinzena

uma leve aragem que reacendeu e ficou em brasas vivas: seis gaiatos com as suas esposas que vivem e trabalham no Porto.

Não haverá coisa que dê mais alegria a Pai Américo, lá no Céu, que ver seus filhos calcorream os mesmos lugares que ele correu; subirem as mesmas escadas carunchosas que ele subiu; levarem todo o carinho e amor que ele semeou.

Ai, tão belo!, se todas as Associações de Gaiatos do Sul, do Centro e do Norte, no ano do Centenário fundarem a sua Conferência.

Assim, serão os gaiatos do Sul, nos bairros novos de Setúbal e na Currealeira, onde Pai Américo pisou, tantas vezes, o cascalho daquele chão duro; os de Coimbra, nos novos «becos do Moreno»; os do Porto, já andam por Miragaia e zona da Vitória.

Só palavras e celebrações no Centenário de Pai Américo, não. Ele falou e escreveu muito..., mas sempre depois de tomar o ferido, lhe curar as feridas e o levar à estalagem.

◆ Uma carta:

«Tenho a dizer-lhe que sou um doente alcoólico recuperado e passou-me pela ideia de que muitas crianças do nosso País foram abandonadas por vários motivos. Porém, o motivo que mais aflige o mundo e a nossa sociedade é o álcool; e hoje mais do que nunca. Desde a minha recuperação

Deus animou-me de tal maneira que consegui formar um Grupo de Alcoólicos Anónimos — Apartado 77 — 4490 Póvoa de Varzim, telef. 622251. Somos já sete os recuperados. Desejamos levar a nossa mensagem a todos os que sofrem da Ditadura do Alcool.»

Na verdade, a mais terrível ditadura! Quando, a partir de tantos rapazes nossos, revemos os caminhos percorridos, lá vamos ter...

Que luta tão urgente! Campanha tão necessária! E que bom!, se nas escolas, nas famílias, nos consultórios e nos lares...

Muitos reduzem a educação a regras de boas maneiras. Um gaiato nosso que veio duma aldeia do Minho, embebedava-se todos os dias. Os pais bebiam e deixavam o filho beber. A professora da terra ensinou-lhe a dar os bons dias e a pedir licença e nunca reparou que ele bebia antes e depois das aulas. Ainda há dias uma senhora professora me confessou que na sua escola — numa pequena aldeia — os alunos não tomavam leite e levavam vinho para a merenda.

Ensinar a ler e a ter maneiras, não basta.

Educar é conduzir ao bem; é ajudar a discernir entre o bem e o mal; é despertar no coração o desejo de ser.

Padre Telmo



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ. Casa do Gaiato - PACO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Novembro: 62232 exemplares.